



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS
PORTUGUÊS E ESPANHOL – LICENCIATURA

ATA Nº ____ /CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL –
LICENCIATURA-2018

Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação **Adriely Cristina Ribeiro**, do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, perante a Banca Examinadora.

Aos vinte e seis dias do mês de março do ano de dois mil e dezoito, às 17 horas, na sala 210, bloco A, do *campus* Chapecó, da Universidade Federal da Fronteira Sul, em Chapecó-SC, reuniu-se, para Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado por **Adriely Cristina Ribeiro**, matrícula 1411800008, intitulado **AMAR PELOS JORNAIS: AS REPRESENTAÇÕES DO AMOR NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS**, a Banca Examinadora composta pelos professores: **Luciano Melo de Paula** – orientador e presidente; **Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro (UFFS)**, a acadêmica **Flávia Durgante** – arguidores; e **Prof. Dr. Valdir Prigol**, como suplente. Luciano Melo de Paula abriu a sessão e logo a seguir passou a palavra ao graduando, para que no prazo de vinte minutos expusesse seu trabalho. Terminada a exposição, passou-se à arguição da Banca Examinadora. A Banca Examinadora decidiu por Aprovar (aprovar/reprovar) o trabalho, atribuindo-lhe nota 9,0. Nestes termos, esta ata segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora e pelo(a) acadêmico(a). Chapecó-SC, 26 de março de 2018.

LUCIANO MELO DE PAULA
SANTO GABRIEL VACCARO
FLAVIA DURGANTE
VALDIR PRIGOL
ADRIELY CRISTINA RIBEIRA

Luciano Melo de Paula
Santo Gabriel Vaccaro
Flávia R. Durgante
Adriely Ribeiro

AMAR PELOS JORNAIS: AS REPRESENTAÇÕES DO AMOR NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS¹

Adriely Cristina Ribeiro²

Resumo: Este trabalho investiga as definições de amor que a autora Martha Medeiros apresenta nas crônicas de seu livro *Paixão Crônica*. Ademais, este artigo situa a produção cronística brasileira e reflete sobre as posições ocupadas no campo literário pelas obras de autoria feminina. A fundamentação teórica da abordagem desse gênero vincula-se às contribuições de Antonio Candido com o texto *A vida ao rés-do-chão* (1979) e *A crônica* de Jorge de Sá (1985). Em relação ao amor, que é o nosso recorte temático, a pesquisa está fundamentada nas contribuições de Mary del Priore com sua obra *A história do amor no Brasil* (2005). A metodologia empregada no trabalho é composta basicamente por estudos bibliográficos, tanto das teorias utilizadas quanto dos trechos de textos aqui analisados.

Palavras-chave: Crônica. Amor. Martha Medeiros.

1 INTRODUÇÃO

O artigo trata da investigação de alguns aspectos da produção literária feminina no Brasil contemporâneo, por meio da autora gaúcha Martha Medeiros. O destaque é para o gênero crônica, no âmbito da obra *Paixão Crônica* da escritora. O foco principal são as definições de amor que a autora apresenta nestes textos.

A publicação literária de Martha Medeiros é tardia; apesar de o início de sua carreira ter-se desenvolvido em um ambiente muito ligado à produção e análise textual, a autora trabalhava com publicidade e propaganda. Foi a partir de uma viagem ao Chile, em 1993, que sua produção literária deslanchou, assim também como a jornalística. No caso de Martha Medeiros, as distinções entre jornalismo e literatura são tênues. Dessa maneira, destaca-se a importância do estudo dos diversos matizes dessa produção, ressaltando o processo de composição e de

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador: Prof. Dr. Luciano Melo de Paula.

² Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura da UFFS, *Campus* Chapecó. Contato: adriely1cristina1ribeiro@gmail.com

escolha temática, através das crônicas relacionadas ao amor, um dos principais temas da autora.

O principal volume para esse trabalho é *Paixão crônica* (MEDEIROS, 2014), uma coletânea em que a autora, sob edição da L&PM, recolhe 101 textos mais representativos dessa temática. É a primeira parte de uma trilogia de crônicas, completada por *Felicidade Crônica* (MEDEIROS, 2014) e *Liberdade Crônica* (MEDEIROS, 2014). Esse formato de publicação propiciou um panorama da produção cronística da autora em um amplo recorte temporal e sobre critérios temáticos específicos. A apresentação final destaca a diversidade e a qualidade dessa produção.

Para a análise do recorte temático selecionaram-se crônicas, que de maneira detalhada, apresentam algumas representações de amor. São elas: “Não basta amar” (p. 18); “A necessidade e o acaso” (p. 28); “O amor em estado bruto” (p. 36); e “Amor e perseguição” (p. 56). Essas crônicas foram publicadas primeiramente no jornal no qual a autora trabalhava³ e também na antologia anteriormente mencionada.

Para completar o escopo da análise, há algumas outras definições de amor de grande importância e presentes na literatura clássica ocidental, como os romances: *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johan Wolfgang von Goethe (2014); *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë (2009) e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (2015). Além desses títulos, o primordial talvez seja o soneto Amor é fogo que arde sem se ver⁴, de Luis de Camões (2012).

2 CRÔNICA: UM GÊNERO EFÊMERO

A crônica é gênero literário eminentemente brasileiro, que, muitas vezes foi, equivocadamente, tratado como um gênero “menor” em relação aos demais. Nessa perspectiva, é primordial destacar a relevância e a importância desse gênero, já

³ O jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre foi e ainda é o principal trabalho da autora. Atualmente também escreve para o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro.

⁴ Um dos sonetos que mais representam as definições de amor, remetendo a outros textos. Por exemplo a canção de Renato Russo, *Monte Castelo* (1989) que além de haver sido inspirada no soneto de Camões, possui também referência à passagem da *Bíblia* “1Coríntios -13”.

que a crônica pode ser uma entrada para a leitura ao abordar temas cotidianos, próximos ao leitor, com uma linguagem acessível e uma apresentação mais objetiva que outros gêneros⁵.

Através do meio jornalístico que a crônica é muitas vezes inserida vem a característica de efemeridade que o gênero apresenta. É como se o texto apresentasse um data de validade. Quando o jornalista escreve a crônica, ela é publicada primeiro no jornal. Com isso, ela passa a ser parte do jornal, que tem como uma de suas particularidades o caráter diário, afinal o que é escrito só fará sentido em um determinado período de tempo. Dessa forma a crônica absorve para si essa característica temporal. Como diz Antonio Candido (1979, p. 6) a crônica do jornal “se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”. O jornal tem a periodicidade definida, por isso a crônica poderia acompanhar essa mesma vida útil, entretanto, ela subsiste quando publicada em livros.

Quando a crônica se aproxima do jornal, em relação às características, ela consegue abstrair o primordial do jornal que são a urgência e a rotina diária. O gênero é apresentado de uma maneira breve, afinal, deve-se refletir sobre uma questão em um número limitado de linhas, já que a maioria dos jornais usa isso como regra para seus cronistas. É como se essa urgência surgisse do próprio leitor que busca em poucas palavras um momento de identificação com seu cotidiano. E esse leitor de jornal, será o mesmo que vai ler essa crônica. Uma leitura breve, urgente. É o fiel leitor de notícias que acaba indo para o lado da literatura ao buscar/encontrar o gênero.

Muitos pensam que narrativa curta é sinônimo de conto, perdendo de vista os gêneros que, por tradição ruim, continuam à margem da nobreza. Acontece que o conto tem uma densidade específica, centrando-se na exemplaridade de um instante da condição humana, sem que essa exemplaridade se refira à valoração moral, já que uma grande mazela pode muito bem exemplificar uma das nossas faces. A crônica não tem essa característica. (SÁ, 1985, p. 7)

⁵ Apesar de evidenciar-se uma hierarquia entre os gêneros literários, observa-se que para os estudos dessas matizes, esse tipo de organização acaba prejudicando o avanço de pesquisas de gêneros tratados como “menores”. Em relação à crônica, a sua importância deveria ser explorada mais no campo acadêmico, pois, o gênero encontra-se muito arraigado em livros didáticos (LD), instrumento que a maioria dos licenciados terão contato. Isso leva a uma ideia contraditória em relação ao estudo e à oferta da crônica. Há também autores que produzem o gênero exclusivamente para LDs tornando o texto artificial ao analisar o campo literário que deveria estar inserido.

Quando ocorre a transposição da crônica do jornal para o livro, muda-se esse papel do leitor. Um leitor de jornal busca informações e atualidades antes de mais nada. O leitor do livro vai buscar o que qualquer outro leitor de livros busca: conhecimento em determinada área, pesquisa, distração, prazer, etc. Os leitores podem ser iguais ou até os mesmos, mas possuem atitudes diferentes. Acontece que nessa mudança de material (jornal para livro) a relação com outras matérias se perde, já que no livro as notícias não se apresentam. Nem todas as crônicas podem/devem ser transpostas, pois podem perder seu sentido. Elas não obstante, fazem referência não só ao cotidiano, mas também às informações contidas no jornal em que foram publicadas.

As diferenças entre as crônicas publicadas no jornal e nos livros vão ainda mais além, afinal, quando vamos pensar em analisar o escritor, por exemplo, podemos notar isso. Quando se lê uma crônica aleatória no jornal, não se consegue saber ou definir o estilo de escrita do cronista, coisa que, acontece quando a leitura é mais ampla, no caso do livro inteiro. Daí advém essa durabilidade maior que a crônica terá no livro em relação ao jornal. “Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro [...]” (CANDIDO, 1979, p. 6)

Outro fator que poderá ser levantado é que se a crônica for pensada diretamente para um livro, a liberdade de escrita do autor será maior do que quando ela é escrita diretamente para o jornal, afinal, desse modo, o texto terá que fazer sentido ou ter relação ao momento no qual a sociedade está inserida e o que o jornal irá abordar. Haverá a liberdade de escrita das crônicas em ambos os veículos de publicação, entretanto, no caso do livro, ela será maior.

Ao se tratar do autor de crônicas podemos ver que, segundo, Sá ele é:

Um escritor que, embora não seja jornalista, precisa sobreviver – e ganha dinheiro publicando crônicas em jornais e revistas: o termo assume aqui o sentido específico de pequeno acontecimento do dia-a-dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante. Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade um núcleo estruturante de outros

núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade de nossas dores e alegrias. (SÁ, 1985, p.11)

Desse ponto de vista surge a denominação de um narrador-repórter. O cronista possui essa função mista de jornalista e de escritor literário, já que seu texto também vai apresentar essa mescla de definições. O cronista além de buscar a explanação do conteúdo, levanta as mais diversas possibilidades de fatos de determinada notícia. É essa brevidade que o autor irá tratar relacionando com seus e os nossos pensamentos, intermediando o jornal com a literatura.

2.1 O surgimento da produção cronística brasileira

Alguns autores afirmam que a crônica teria surgido com a carta de Pero Vaz de Caminha. Seria então, o primeiro gênero literário brasileiro. Porém, se realmente fosse designado crônica, o gênero que agora se conhece, não faria nenhuma relação com o primeiro tratando-se de estrutura. Portanto, defende-se aqui a ideia de que o surgimento da crônica deu-se muitos anos mais tarde.

Na história do gênero crônica há também outro marco temporal importante, o início dos jornais no Brasil. Em 1808, por exemplo, surgia o *Correio Brasiliense*, primeiro jornal a circular no país. Seguido imediatamente pelo *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822).

Entre 1830 e o final do século XIX o jornal e a literatura se aproximavam. A medida em que o jornal se expandia a todo o Brasil, os principais correios jornalísticos se centravam nos folhetins, que admitiam capítulos de romances, poemas, anedotas e, também, a crônica.

Dessa maneira, a literatura ocupava mais e mais espaços nos periódicos, veículo até então estritamente informativo. Nessa mesma época surgia a crônica literária brasileira. Estas crônicas refletiam sobre os fatos do cotidiano e muitas vezes faziam relação com as notícias inseridas no jornal.

Com uma estrutura que está longe de ser estática, a crônica vai se desenhando dentro das transformações ocorridas durante os períodos históricos. Alguns teóricos apontam como uma evolução dos folhetins do início do século XIX, os quais tinham espaço nos rodapés das páginas das publicações impressas e, costumeiramente, transformavam-se em livro, após reunião e edição dos textos que haviam sido divulgados nos

periódicos. A evolução para a crônica se dá no momento em que ela ganha novas configurações nas suas características, com as mudanças no jornalismo e na literatura na segunda metade do referido século. (RAMOS, 2012)

Um dos nossos primeiros cronistas foi Machado de Assis (1869-1904), pode-se até dizer que “o romancista e contista foi forjado pelo cronista Machado de Assis” (SIMÕES, 2009, p. 51). Paulo Barreto (1881-1921) também se destacava nessa mesma época. Com pseudônimo de João do Rio, foi um dos responsáveis em “lapidar” o gênero que ainda estava em formação, ao iniciar a abordagem de temas do cotidiano da sociedade carioca do período. Mas é somente em 1930, com os escritores do modernismo que a crônica se consolidaria efetivamente como um gênero literário brasileiro, tal qual ensina Antonio Candido (1979).

Tanto como seu local de formação, quanto como seu principal veículo, a crônica possui uma dívida para com o jornal. Surge dele e precisa dele para garantir sua circulação como seu principal meio de apresentação. As publicações em livros, mesmo aumentando em número, não se garantem como único suporte da crônica. A convivência no mesmo suporte com os assuntos da vida cotidiana oferece à crônica a sua principal fonte de matéria, mas não a única.

Algumas partes do país parecem mais produtivas em relação a determinados gêneros, mas não ao ponto de destacar a crônica como um gênero eminentemente regional. Nas várias regiões do país também há um variado repertório de gêneros no suporte jornal. Todos esses gêneros utilizam os acontecimentos e fatos regionais como fonte de sua produção. Não há uma predominância regional de gêneros, mas um mosaico de diversidades. Por ser um veículo tão diverso, o jornal se adapta às suas notícias e a crônica o acompanha nessa adaptação de conteúdo em cada região do país.

Mesmo com tudo isso, a circulação do gênero crônica não está relacionada com o volume e o valor a ela atribuído pelos estudos e críticas mais recentes. O espaço da crônica é muito maior do que o espaço a ela dedicado por pesquisadores e críticos. Se a crônica tem uma dívida com os jornais, a academia e a crítica literária têm uma dívida com a crônica. Em contraste com o silêncio crítico e acadêmico há uma ampla aceitação do gênero por parte dos leitores.

3 IMPRENSA E LITERATURA: DO PIONEIRISMO FEMININO ÀS ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS

A mulher nunca teve na história humana a influência e o destaque social que possui hoje. Na imprensa e na literatura não foi diferente. Apesar desse destaque, a condição plena de igualdade ainda é uma utopia distante. Mas é inegável o avanço ao evidenciar-se o histórico de luta dos movimentos feministas até o momento. Essa luta está longe de chegar ao fim, se é que algum dia será finalizada.

Partindo dos fatos observados em relação à desigualdade entre os gêneros, como salários díspares, preconceitos com determinadas profissões, que parecem ter como pré-requisito um gênero específico e os dados de violência contra as mulheres que não diminuem, percebe-se a importância de se ressaltar o feminino também na literatura, através do estudo de escritoras contemporâneas.

Para situar-se no papel que a mulher desempenha tanto na literatura, quanto na imprensa, dois âmbitos restritos à presença feminina, é preciso considerar todo o histórico dessa presença nos demais ambientes sociais. É recorrente as mulheres sofrerem pelo machismo. Por exemplo, na vida profissional, quando ganham um salário menor do que o do homem mesmo realizando as mesmas funções. Também o índice de assédio que sofrem nesse mesmo ambiente é suficientemente maior do que o evidenciado com homens, para considerar-se uma questão de gênero. Ainda, observa-se que os cargos com maior evidência social e econômica nas empresas são ocupados majoritariamente pelo sexo masculino, como se não existissem mulheres competentes para tanto, mesmo a população brasileira feminina sendo maior que a masculina.

O principal obstáculo ainda é a violência contra esse gênero, já que a mulher é violentada fisicamente, moralmente e sexualmente, simplesmente por ser mulher. Os dados de feminicídio estão aí para comprovar que muitas vezes a mulher morre, simplesmente por ser mulher, distinto do que ocorre com o homem. Essa situação é refletida na literatura também, já que é um meio de expressão social que reflete a organização da própria sociedade. Os fatos mencionados influenciam e influenciaram os estudos e produção literária de mulheres escritoras no âmbito de pesquisas acadêmicas e no reconhecimento do público. Dessa forma, observa-se

que "[...] o progresso (ou o atraso) de uma sociedade deve ser avaliado pela importância atribuída às mulheres [...]". (DUARTE, 2003, p. 155).

No Brasil Império, atrasado e patriarcal, foi somente em 1827 que a legislação para a abertura de escolas públicas femininas entrou em vigor. Ou seja, foi somente a partir dessa data que mulheres teriam a possibilidade de frequentar a escola formal. O direito à escrita para as mulheres foi considerado como algo perigoso para o funcionamento das estruturas patriarcais. Em 1832, era muito raro encontrar mulheres escritoras no Brasil. Podemos citar as gaúchas Clarinda da Costa Siqueira (1779-1860) e Delfina Benigna (1791-1857) que eram exceções à época e, ainda hoje, pouco conhecidas. De acordo com Antonio Candido (1951), a inserção da mulher na sociedade só começou a ser evidenciada no período da urbanização, já que

Impondo-se a participação da mulher no trabalho da fábrica, da loja, do escritório, a urbanização rompe o isolamento tradicional da família brasileira, rica ou pobre, e altera de maneira decisiva o status da mulher, trazendo-o cada vez mais para perto dos homens. (CANDIDO, 1951, apud PRIORE, 2015, p. 282)

Porém, o processo demora a se propagar como uma mudança social significativa, especialmente na literatura. A primeira produção literária feminina registrada é de 1878 com a obra intitulada *O voto feminino*, de Josefina Álvares. A obra acaba por instaurar a literatura feminina, o feminismo como luta social e uma reivindicação política específica, o direito ao voto. Somente 54 anos após essa iniciação ao tema foi que Getúlio Vargas introduziu no Código Eleitoral o direito ao voto a homens e mulheres.

No gênero literário que enfocamos nesse trabalho, quem vai se destacar é Raquel de Queiroz com o romance *O quinze* (1930) que, dentre outras obras, foi responsável pela inauguração feminina na Academia Brasileira de Letras em 1977. Porém esse fato só foi possível após a ABL mudar seu estatuto de ingresso para que as mulheres pudessem participar. Mesmo que a autora não tenha se considerado feminista, coube a ela esse acontecimento marcante para o movimento. Graciliano Ramos até duvidou que uma mulher tivesse escrito a obra, fruto da posição literária que elas estavam inseridas na época, como vemos no trecho:

O *quinze* caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois, conheci João Miguel e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a ideia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O quinze* não me parecia natural (RAMOS, 1980)

Mais tarde, em 27 de julho de 1989, Nélida Piñon⁶ foi aceita na Academia. Após 100 anos da criação da ABL, entre 1996-1997, ela se tornou a primeira mulher presidente da instituição.

Na Literatura Contemporânea no Brasil, ainda se nota uma resistência quando se trata de escritoras. É só ver as listas dos livros mais vendidos, quantas são mulheres, e, dessas, quantas são estudadas. Seja em disciplinas dos cursos de Letras e Literatura, seja na produção de pesquisas para enaltecer a qualidade das obras escritas por mulheres. O feminino, ainda precisa ganhar vez e voz, ou seja, "apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistências". (DUARTE, 2003, p. 168)

Conforme o artigo intitulado *O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010 – 2014)* de Regina Zilberman (2017), comprova-se que o número de escritoras premiadas no Brasil ainda é muito pequeno, se comparado a escritores do gênero masculino. Essa evidência majoritária não só se apresenta na relação de gêneros, mas também nos quesitos como faixa etária, regionalidade e raça. Como aponta Zilberman (2017), os personagens das obras indicadas para premiação compartilham das mesmas características do próprio autor, uma vez que

Como esse, residiria em uma grande metrópole, provavelmente Rio de Janeiro ou São Paulo; tanto melhor se a trama puder inseri-lo em um cenário estrangeiro, de preferência distante. E teria aspirações a escritor, ou já exerceria essa profissão de alguma maneira, na condição de ficcionista ou poeta, jornalista ou homem de letras, professor ou intelectual. Como faria parte da classe média, poderia não ser muito abastado, mas, como também não teria familiares, não necessitaria preocupar-se com questões econômicas, o que facilitaria sua mobilidade social ou profissional. (ZILBERMAN, 2017, p. 440)

⁶ Quinta ocupante da cadeira 30, na sucessão de Aurélio Buarque de Holanda. Autora de um dos mais clássicos contos feminino e feministas da literatura com "I love my husband" (2009).

As críticas e premiações seguem um estereótipo consistido em autores homens, brancos, de classe média e nascidos ou residentes em grandes metrópoles brasileiras. Esse fator ainda justifica novamente a importância de se estudar mulheres na literatura, que assim como o gênero crônica, não recebem a atenção que merecem. Essa afirmação leva a outra reflexão que Zilberman (2017) levanta: a de que não só os escritores seriam estereotipados nas premiações literárias, mas também haveria uma “apreciação maior” por um gênero literário, no caso, o romance. O estudo de uma mulher cronista, como no caso desse trabalho, “rompe” o estereótipo de autor e gênero das premiações literárias brasileiras.

Mas afinal, o que as mulheres precisam para tornarem-se escritoras e reconhecidas pela crítica literária? Virginia Woolf busca responder essa questão em *Um teto todo seu* (2014). A autora traz a abordagem das dificuldades que a mulher sempre encontrou, e ainda encontra, para escrever. Cita como exemplos questões pessoais, sociais e econômicas. Como uma mulher poderia escrever se em determinada época da história ela nem mesmo era dona de seu próprio dinheiro, ao qual pertencia ao seu pai e após o casamento ao seu marido? Como a autonomia de pensamentos era prejudicada por questões distintas entre os gêneros é uma das questões trabalhadas por Woolf e que dão suporte às nossas afirmações de que a mulher possui uma posição distinta da do homem, também na literatura.

Com isso, ainda é importante ressaltar que a situação não é boa para as mulheres. Afinal, a violência (sexual, moral, física, verbal), salários desiguais e a dupla jornada comprovam essa afirmação. É como se existisse uma dupla realidade: tem-se uma perspectiva dessa realidade feminina com todos os obstáculos, mas também há uma estrutura social que insiste em manter a injustiça, como se um gênero precisasse ser “menor” que outro. Porém, isso não acontece só na violência de gênero mas também na racial, social, étnica e religiosa. O problema então, mesmo sendo maior para as mulheres (quando se observa os números dessa violência), também é evidenciado em outras esferas sociais.

4 O AMOR NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

O recorte temático utilizado para a realização desse trabalho são as definições de amor que Martha Medeiros apresenta em suas crônicas. Para tanto, selecionamos quatro crônicas mais significativas dessa representação em seu conteúdo. São elas: “Não basta amar”, publicada originalmente em novembro de 1997; “A necessidade e o acaso”, em outubro de 1998; “O amor em estado bruto”, publicada em julho de 2000; e, por último, “Amor e perseguição”, originalmente publicada em julho de 2001. Todas estão inseridas na antologia *Paixão Crônica*.

Parte-se da hipótese de que a representação de amor na literatura contemporânea brasileira realiza-se de maneira distinta do verificado nas produções na literatura clássica ocidental. Essas representações anteriores partem de um padrão de representação idealista que foi substituído por outras representações mais empíricas. Entre as muitas citações a esse tema há inclusive as que o negam. Mas o amor realmente existe?

Martha procura responder essa incógnita nas crônicas em que ela fala sobre o amor. “A questão é delicada e conduz a uma resposta que confunde mais do que explica. Sim, o amor existe. Sim, a necessidade cria o amor”. (MEDEIROS, 2014, p. 28)

Na sua visão, o amor é consequência de outro sentimento, a necessidade.

A necessidade encontra sinônimos para o amor: amizade, atração, afinidade, destino, ocasião. A necessidade nos torna condescendentes, bem humorados, otimistas. Se a sorte não acenou com um amor caído dos céus, ao menos temos afeto de sobra e bom poder de adaptação: elegemos como grande amor um amor de tamanho médio. (...) O amor pode ser casual ou intencional. Se nos faz feliz é amor igual. (MEDEIROS, 2014, p. 28)

Como percebe-se, há uma distinção entre a definição de amor que recebemos no senso comum da que se observa na literatura. Nesse trabalho, buscamos as representações de amor na autora analisada. Não se pode confundir com a busca pela definição do sentimento, já que definir o amor é, sem dúvidas, um problema que permeia várias instâncias, não só a literatura. “O amor, dirá finalmente alguém, é um problema de vida, de ordem sensível, de estética e poética, não de conceitos”. (PRIORE, 2015, p. 13)

Em 1774, com a publicação da obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe (1749-1832), o amor começa a ser representado como um dos motivos encontrados para o suicídio. O impacto que a obra teve na sociedade da época

nunca fora evidenciado antes. O livro foi um dos responsáveis pela força que ganhou o movimento conhecido como “mal do século” ou, então, *Sturm und Drang*, antecessor do Romantismo que estava prestes a instalar-se na Europa. O período foi marcado por várias ondas de suicídio de leitores da obra em questão. Essas pessoas que se sentiam em meio à depressão ou solidão tomavam o protagonista Werther como sua principal inspiração.

Por meio de um romance epistolar, Goethe oferece a história de um jovem burguês que para isolar-se de sua vida trivial, passa uns tempos fora de sua cidade a trabalho. Começa então a se corresponder com o seu melhor amigo, contando-lhe os acontecimentos por cartas que chegam a ser quase diárias. Nesse cenário, Werther conhece Charlotte por quem vai nutrir uma profunda paixão simultânea ao conhecimento da mesma.

Lotte será a típica mulher ideal dos romances da época. Tratada como uma musa idealizada, pura e angelical, se tornará alvo do amor impossível. O empecilho será o noivado que Charlotte nutre com Albert, homem que muito mais prático que Werther faz com que o próprio protagonista apoie a união, uma vez que, mesmo amando Lotte, sabe que não é a melhor opção para a dama. Mesmo sendo rejeitado, o jovem sabe que o amor é recíproco, e em uma de suas decepções acaba cometendo suicídio. Isso, é narrado pelo seu melhor amigo, por meio de cartas deixadas pelo protagonista, na parte alta do romance.

Na literatura clássica o amor é muitas vezes utilizado para fazer comparações com outras questões complexas, por exemplo, na passagem da obra em que a personagem principal compara o amor com uma regra, como se ambos fossem responsáveis por limitar o ser humano. “Meu bom amigo, posso fazer uma comparação? É como o amor.” (GOETHE, 2014, p. 32)

Para contrastar com a autora analisada, observa-se que em Goethe o amor é necessário para que haja felicidade e existência do indivíduo. “Wilhelm, o que seria o mundo, para o nosso coração, sem o amor? Uma lanterna mágica sem luz!” (GOETHE, 2014, p. 64) Martha Medeiros, defenderá que não se deve reduzir a própria vida a um único sentimento.

As pessoas ficam procurando o amor como solução para todos os seus problemas quando, na realidade, o amor é a recompensa por você ter

resolvidos seus problemas". Norman Mailer. Copiem. Decorem. Aprendam. (MEDEIROS,2014, p. 56)

Enquanto em Werther exemplifica-se a ideia de que a vida do indivíduo não está completa se não tiver o amor contida nela, Martha irá relatar que “o amor até pode nos bastar, mas ele próprio não se basta”. (MEDEIROS, 2014, p. 19). A autora afirma que um único sentimento sozinho não é capaz de alimentar a felicidade.

Tem que saber que o amor pode ser bom, pode durar para sempre, mas que sozinho não dá conta do recado. O amor é grande, mas não é dois. É preciso convocar uma turma de sentimentos para amparar esse amor que carrega o ônus da onipotência. (MEDEIROS, 2014, p.19)

Em outra passagem afirmará também que “Às vezes forçamos sua estada e quase sempre entregamos a ele os direitos autorais de nossa existência”. (MEDEIROS, 2014, p. 37) Dessa forma, ela reafirma que o amor muitas vezes é reduzido a um sentimento capaz de justificar a existência e a felicidade dos indivíduos.

Ser feliz é uma exigência razoável e não é tarefa tão complicada. Felizes são aqueles que aprendem a administrar seus conflitos, que aceitam suas oscilações de humor, que dão o melhor de si e não se autoflagelam por causa dos erros que cometem. Felicidade é serenidade. Não tem nada a ver com piscinas, carros e muito menos com príncipes encantados. O amor é o prêmio para quem relaxa. (MEDEIROS, 2017, p. 57)

Outra personagem de grande importância para se representar o amor é Emma, personagem principal em *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1857). Logo no início da obra, o autor evidencia a relação entre o sentimento e Emma. Dessa maneira, a ideia de que o amor é o único responsável pela felicidade é de novo retratada em uma obra clássica.

Antes de casar, ela julgava ter amor; mas como a felicidade que deveria ter resultado daquele amor não viera, ela deveria ter-se enganado, pensava. E Emma procurava saber o que se entendia exatamente, na vida, pelas palavras felicidade, paixão, embriagues, que lhe haviam parecido tão belas nos livros. (FLAUBERT, 2015, p. 44)

Madame Bovary, como Emma passou a ser chamada após seu casamento, desde muito nova, lia romances e acreditava no amor que eles abordavam. Quando se viu casada com Charles, logo percebeu que o marido não seria capaz de suprir

suas expectativas sobre o amor. Ela passa a trama toda em busca desse amor, e, para isso, usa amantes que parecem não saciar o amor idealizado por Emma.

A personagem de Flaubert também causou grande impacto na sociedade da época. Foi definida como um processo de histeria e acabou sendo barrada para publicação.

Para Emma,

O amor ela imaginava, deveria chegar de repente, com grandes trovões e relâmpagos, - furacão dos céus ao cair sobre a vida, transtornando-a, arrancando as vontades como se fossem folhas e levando ao abismo o coração inteiro". (FLAUBERT, 2015, p. 148)

Nesse trecho, o amor idealizado e exagerado é fortemente evidenciado pela percepção que a personagem tem da chegada do amor na vida de quem o busca. Enquanto para Emma o amor é visto como uma tempestade, Martha faz uso da mesma ideia, porém, ela defende que o sentimento pode ser mais do que isso, ao possuir um tempo de calma que vem a ser um outro modo de amar. Para ilustrar esse pensamento, cabe a parte em que Medeiros afirma "rendo-me. Esse amor existe mesmo, é invasivo e muitas vezes perverso, mas também pode ser discreto, sereno e indolor". (MEDEIROS, 2014, p.28)

Outra obra parte da grande representação do romantismo Inglês, *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, que tem como temática principal o amor impossível entre as personagens Catherine e Heathcliff. A relação entre os dois inicia logo na infância, quando o pai de Catherine, ao sair a uma viagem, volta com o menino para adotá-lo. A trama envolvendo os dois é cheia de ódio e acontecimentos, desencadeados pelo amor e vingança que um sente pelo outro e que vão culminando em uma sequência de terríveis fatos até chegar na morte de Catherine.

O amor que ambos sentem é tão forte que nem mesmo o casamento dos dois com outros noivos e a morte de Catherine são capazes de acabar com o sentimento. Heathcliff faz da perda de sua amada um motivo para se vingar de todos que possam estar envolvidos na não realização da história de amor dos protagonistas. O impacto da obra é um fator comum com as anteriores. Afinal, Emily Brontë sentiu a necessidade de publicar sua obra com um pseudônimo, grande era

a possibilidade de ser rejeitada, já que, além de serem escritos de uma mulher, a obra seria seu primeiro romance publicado.

Sobre a trajetória literária de cada indivíduo, Martha Medeiros aborda a ideia de que fomos condicionados pela sociedade a pensar que o amor é capaz de vencer qualquer obstáculo, como é o caso do amor em *O Morro dos ventos uivantes*, que tudo suporta. “Que o amor é lindo, poderoso e absoluto, que vence todos os preconceitos, que vence a nossa resistência e ceticismo, que é transformador e vital”. (MEDEIROS, 2014, p.28)

Ainda, a forma de amar é muitas vezes tratada como uma ação distinta entre os gêneros. Que a mulher seria mais adepta ao amor, distinto do que ocorre com o homem. A vida da mulher seria uma busca incessante pelo amor, enquanto o gênero masculino trataria o amor como só mais uma parte de suas vidas, que poderia aflorar, ou não.

A ciência costuma afirmar que a mulher é uma doente periódica, que a mulher é útero. Afirma que o amor para o homem é apenas um acidente na vida e que o amor para a mulher é toda a razão de ser da sua vida e ela põe nessa dor o melhor de todas as suas energias e esgota o cálice de todas as suas amarguras, pois o amor é consequência lógica, inevitável, de sua fisiologia uterina. Há engano no exagero de tais informações. Ambos nasceram pelo amor e para o amor. (MOURA, 1932, apud PRIORE, 2015, p. 260)

Também, não se pode deixar de citar o clássico soneto de Camões que busca a definição do amor. Camões utiliza várias metáforas na tentativa de determiná-lo. O texto traz em todos as suas estrofes essa tentativa de representar o amor através de ações. Como diz Mary del Priore (2015) é representado por uma “concordância discordante”.

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor? (CAMÕES, 2012, p. 37)

A principal imagem tratada pelo poema, talvez, seja a de que o amor é algo que vem totalmente acompanhado de sofrimento. É como se amor e dor fossem indissociáveis, algo que mesmo assim deve ser cultivado, pois pode ser algo sublime e heroico. E que mesmo com tantas contradições que o amor é composto, as pessoas ainda lhe dão o valor mais que merecido. Apesar de, primeiramente, ser pensado como um soneto romântico, ao tratar do amor percebe-se um estilo mais racionalista da busca pela representação do sentimento.

Martha Medeiros também utiliza dessa visão mais racionalista, porém o faz contemporaneamente ao aproximar-se da visão que se tem hoje do amor. Um sentimento mais racional, “pé no chão”, poderíamos dizer. Portanto, ela também busca as representações. Neste trecho, ela não deixa claro o que é o amor, mas sim o que não é o sentimento:

Amor não é medicamento. Se você está deprimido, histérico ou ansioso demais, o amor não se aproximará, e, caso o faça, vai frustrar sua expectativa, porque o amor quer ser recebido com saúde e leveza, ele não suporta a ideia de ser ingerido de quatro em quatro horas, como um antibiótico para combater as bactérias da solidão e da falta de auto estima. (MEDEIROS, 2014, p. 56)

Mesmo que tenhamos utilizado crônicas nem tão recentes da cronista aqui analisada, é importante ressaltar que Martha Medeiros continua produzindo, e a temática que se faz presente nesse trabalho é abordada em muitos de seus textos. Um dos exemplos é a crônica publicada em 29 de outubro de 2017 na Revista Donna para a qual escreve sua coluna.

O amor bandido pode não ter nada de criminoso. É apenas um amor vadio, um amor sem endereço fixo, um amor que faz perder o sono, um amor que requer exames de HIV, um amor cheio de nudes no WhatsApp, um amor onde haverá uma terceira pessoa sendo traída, um amor que telefona bem na hora em que você não pode atender, um amor que exige lingerie provocante, um amor que jamais passará um Natal com você, um amor que obriga você a mentir e que faz você usar um batom de uma cor que ninguém sabia que existia na cartela, de um vermelho extra picante. Gente, quem resiste? O amor bandido jamais será pai dos seus filhos. Se for, será rebaixado a amor domesticado, e perderá a graça e o adjetivo.

Amor bandido tem que ser estéril e pra sempre, sairá da sua vida em poucos meses, mas nunca da sua cabeça. (MEDEIROS, 2017)

Nesse texto, pode-se ver que a autora está sempre em busca de definir tal sentimento. Utiliza a metáfora “bandido” para retratar um dos tipos de amor que está “em alta”. Para isso, usa de expressões e referências muito conhecidas do público que a lê, como “nudes” e “WhatsApp”. O que a faz refletir novamente sobre o tema é uma personagem de telenovela, muito comentada nas redes. Talvez, por isso, as referências do meio não são deixadas de lado em sua crônica. Esse amor “bandido” é retratado pela autora como “fora da lei” que deixa de lado a “moral e os bons costumes”. Aquele amor idealizado que somos condicionados pela sociedade a acreditar que só ele nos fará felizes é contraposto a esse amor bandido. E ela deixa claro: “quem resiste?”.

O recorte temático aqui utilizado não é só frequente na literatura clássica em geral, mas é tema frequente de cronistas, como Martha Medeiros, que faz da representação do sentimento assunto incessante para os seus textos. E a literatura como sendo um dos caminhos para retratar o que as pessoas sentem será uma “válvula de escape” para as representações do amor. Um tema que permeia não só os escritores, mas a sociedade em si. Quem, alguma vez, já não tentou representar o amor por meio de palavras?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises propostas nesse artigo, pode-se afirmar que o amor foi definido de diferentes maneiras ao longo dos anos na literatura brasileira. Dessa maneira, vê-se que as obras clássicas trazem o amor como algo difícil de se alcançar, algo sublime, que só heróis e heroínas podem sentir.

No ponto de vista de Martha Medeiros percebe-se o amor como algo terreno, digno dos “mortais”. Todos são capazes de amar, mas o sentimento não é necessário para uma vida feliz. Ele faz parte, porém, não deve-se reduzir a felicidade somente ao amor. As crônicas possuem a proximidade com o leitor talvez, venha desse ponto também a proximidade das representações do sentimento com o indivíduo em que a autora trata em seus textos.

“Ama-se, então, um conjunto de ideias sobre o amor.” (PRIORE, 2015, p.216) Como diz Mary del Priore (2015), a pessoa que ama aparece nos romances como possuidora de uma força capaz de até mesmo refazer o caráter moral perdido anteriormente como, por exemplo, os acontecimentos que permeiam a vida e as ações de Emma em *Madame Bovary*.

A sociedade interfere relatando até mesmo como as pessoas devem amar. Essa ideia se respalda, muitas vezes, nas clássicas definições de amor. Percebe-se que Martha tem a ideia de que o sentimento é possível sem essa interferência, mas que não se efetiva porque se quer uma segurança de que ele dará “certo” dessa forma. O amor é tratado como algo que não pode vir limpo, sem idealizações sociais, influenciando a ideia imposta pela sociedade. “É como se a modernidade tivesse feito desabrochar uma linguagem literária cada vez mais amorosa, enquanto o amor, ele mesmo, se tornava um desejo distante”. (PRIORE, 2015, p. 85)

REFERÊNCIAS

BRONTË, Emily. **O Morro dos ventos uivantes**. São Paulo: Lua de Papel, 2009.

CAMÕES, Luís de. **Sonetos**. São Paulo: Ática, 2012.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao Rés-do-chão**. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al, Para gostar de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 1979.

Disponível em: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/coluna/martha-medeiros-amor-bandido/> Acesso em: 10. Jan. 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Estudos avançados 17, 2003.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Trad. Herculano Villas-Boas, São Paulo: Martin Claret, 2015.

MEDEIROS, Martha. **Paixão Crônica**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

PIÑON, Néida. **I love my husband**. Disponível em: <http://www.releituras.com/npinon_husband.asp>. Acesso em: 08 nov. 2017.

PRIORE, Mary del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

RAMOS, Gabriela. **A crônica como interseção entre Jornalismo e Literatura.** XVII Congresso de ciências da comunicação na região sudeste, 2012, Ouro Preto: Intercom, 2012. 15p.

RAMOS, Graciliano, **Linhas Tortas.** São Paulo, Record, 1980, p.137

SÁ, Jorge de. **A crônica.** São Paulo: Ática, 1985.

SIMÕES, André de Freitas. **A evolução da crônica como gênero nacional.** Londrina: UEL, 2009.

VON GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do Jovem Werther.** São Paulo: Martin Claret, 2014.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Resumen: Este trabajo siguiente investiga las definiciones de amor que la autora Martha Medeiros presenta en las crónicas de su libro “Paixão Crônica”. Además, este artículo sitúa la producción cronística brasileña y refleja sobre las posiciones ocupadas en el campo literario por las obras de autoría femenina. La fundamentación y el abordaje de este género se vincula a las contribuciones de Antonio Candido y su texto *A vida ao rés-do-chão* (1979) y *A crônica* de Jorge de Sá (1985). En relación al amor, que es el recorte temático, la investigación está fundamentada en las contribuciones de Mary del Priore, con su obra *A história do amor no Brasil* (2005). La metodología utilizada es compuesta básicamente por estudios bibliográficos, tanto de las teorías como de trechos de los textos acá analizados.

Palabras - clave: Crónica. Amor. Martha Medeiros.